

A PRESENÇA DA HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO NO AMBIENTE ACADÊMICO BRASILEIRO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Silvia Regina Ferraz Petersen*

Agradeço muito o convite para participar desta mesa com os prezados colegas Professores Michael Hall e Beatriz Mamigonian e escolhi para eixo da minha apresentação demonstrar que, apesar da aparência ou de afirmações em contrário, houve uma grande ampliação do campo da história social do trabalho no ambiente acadêmico brasileiro, especialmente nas últimas décadas.

Um dos sintomas deste crescimento, que já torna difícil realizar uma avaliação crítica global desta produção, são os inúmeros balanços bibliográficos que vêm sendo publicados sobre o tema. Uma tentativa de síntese apenas desses balanços já seria uma tarefa bastante difícil, à qual renuncio pelo tempo dessa comunicação.

Pensei então abordar o tema a partir de outros indicadores que não são visíveis diretamente na análise bibliográfica, mas que a meu ver precisam ser incluídos para que se perceba a disseminação:

- 1- Vou iniciar apontando duas ambigüidades que a “história social do trabalho” apresenta, que nem sempre são percebidas e que me parecem preliminares a qualquer discussão sobre ela. Primeiro, esta denominação não designa necessariamente uma abordagem herdeira da contribuição dos historiadores marxistas britânicos, como geralmente se imagina. Segundo, “história social do trabalho” às vezes é um rótulo que se estende indevidamente a outras modalidades da história do trabalho.
- 2- Mesmo que tenha transferido para os balanços bibliográficos a responsabilidade de uma análise que não farei aqui, vou sinalizar algumas transformações ou tendências atuais da história social do trabalho no Brasil.
- 3- Em seguida, examinarei o crescimento do número dos artigos publicados sobre o tema na Revista de História da USP e Revista Brasileira de História da ANPUH, escolhidas por sua importância dentre as similares no Brasil.
- 4- Abordarei Simpósios, Seminários, Encontros, Grupos de Trabalho e Exposições como indicadores da sua expansão.
- 5- Também a multiplicação de Arquivos e Centros de Documentação com fontes para a história do trabalho é um dado importante para avaliar a expansão deste campo.
- 6- Igualmente, a presença da história social do trabalho é visível em áreas de concentração e linhas de pesquisa dos PPG's em História, mas não pude fazer um levantamento das disciplinas, teses e dissertações, nem de sua presença nos cursos de Graduação.

* Depto. e PPG em História da UFRGS

Como se pode concluir pelo tamanho desta “lista”, pelo limite da pesquisa que pude fazer e pelo tempo de que disponho nesta mesa, meus comentários serão genéricos e apenas indiciários.

1-A HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO NÃO ESTÁ ISENTA DE AMBIGÜIDADES.

Há entendimentos distintos sobre qual é o objeto da História Social do Trabalho e cito apenas três exemplos.

O primeiro é o da linha de pesquisa que leva esse nome no PPG em História da UNICAMP, cujo enunciado expressa o que no Brasil em geral se entende, no sentido dos britânicos, por história social do trabalho. Cito: “Esta linha tem como tema principal a experiência dos trabalhadores urbanos e rurais em sua diversidade, enfocando os diferentes aspectos que compõem o mundo do trabalho: os processos produtivos e as relações de produção no local de trabalho; a organização dos trabalhadores e os movimentos sociais; os movimentos migratórios; os espaços do cotidiano, com suas condições e práticas específicas de lazer, moradia e saúde; a cultura, os valores e concepções que informam as relações de classe; os diferentes projetos e as disputas políticas em torno das relações de trabalho; as relações dos trabalhadores com as instituições e os espaços públicos e sua atuação frente às instâncias do legislativo e do judiciário”.

Mas uma formulação um pouco diferente aparece no livro de Mikel Aizpuru que tem o sugestivo título de *Manual de historia social del trabajo*¹ (1994): a história social do trabalho trata tanto dos aspectos técnicos, o marco físico em que o trabalho se desenvolve, como dos protagonistas, trabalhadores e capitalistas e as ações e relações divergentes que estabelecem, umas para modificar as estruturas, outras para obter o maior rendimento.

Um terceiro exemplo pode ser o do livro publicado em 1960, *Histoire sociale du travail de l'antiquité à nos jours*, de Pierre Jaccard², diretor da Escola de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lausanne. Para o autor, o essencial na sociologia não é a institucionalização que a sociedade promove, mas a idéia que o homem faz de si mesmo e de sua atividade. Assim,

¹ AIZPURU, Mikel e RIVERA, Antonio. *Manual de historia social del trabajo* (Madrid, Siglo XXI, 1994, p.4): “En el marco de la historia social, la historia social del trabajo atiende entonces tanto a los aspectos técnicos del mismo (organización; adecuación de herramientas, maquinas y técnicas; disposición de los procesos de oferta y demanda; determinación del marco físico en qué se desarrolla etc;) como a sus protagonistas trabajadores y capitalistas (en el sentido de “poseedores del capital”) y las actuaciones y relaciones que se establecen entre éstos, por ejemplo (procesos de fijación y adecuación de la fuerza de trabajo y del capital, con arreglo a las demandas de los diferentes modos de producción; desarrollo de aspiraciones divergentes, unas en la dirección de obtener el mayor rendimiento, otras en la de modificar las estructuras sócio-economicas etc).

² JACCARD, P. *Histoire sociale du travail de l'antiquité à nos jours*. Paris, Payot, 1960. 385 p.

sua análise está voltada para a reflexão dos homens “sobre o sentido e o fim do trabalho ao longo do tempo”. Nessa perspectiva idealista, considera que “não é no aperfeiçoamento das técnicas (os modos de arranjo das forças produtivas) que é necessário procurar o motor da evolução, mas nas transformações espirituais e morais que condicionam este desenvolvimento”.

Enfim, “história social do trabalho” não é um conceito unívoco e isso não pode ser esquecido no seu uso.

Outra ambigüidade é que, apesar de seu uso hoje generalizado, a denominação “História social do trabalho” não pode ser estendida para toda a produção historiográfica sobre o trabalho e os trabalhadores, escravizados ou livres.

É necessário, pelas implicações analíticas bem mais complexas, distinguir uma historiografia com os pressupostos da história social do trabalho (às vezes eles mesmos ambíguos, como procurei mostrar), daquelas abordagens, comuns até os anos 70, orientadas pela via das determinações estruturais e que poderíamos chamar -e todos entenderiam-, uma história do movimento operário ou da escravidão. Estas denominações têm uma cronologia, um lugar de emergência, definem perspectivas e limites de abordagem do tema. Assim, história social do trabalho é uma designação que não pode ser estendida automaticamente às abordagens anteriores do tema ou mesmo a muitas atuais. Nem tudo o que se escreveu ou que se escreve hoje sobre o trabalho e os trabalhadores pode ser denominado “história social do trabalho,” mas curiosamente, o termo vai se aplicando a um tipo de conhecimento que não lhe corresponde, produzido com aquelas referências estruturais clássicas mas que vão sendo incluídos em dossiês, comunicações etc. sobre história social do trabalho.

Acho importante esta observação, pois “história social do trabalho” implica diferenças significativas de abordagem e de definição do objeto e não percebê-las pode minar por dentro este formidável avanço analítico. É preciso atenção para que não suceda o ocorreu com a *história cultural* -e me refiro particularmente à contribuição de Chartier,-denominação esta que designa uma *história cultural do social*, mas se estendeu indevidamente aos mais variados produtos da cultura, de tal forma que, num entendimento mais rasteiro, praticamente qualquer tema da “cultura” passou a ser “história cultural”. Ou seja, o tema e não a abordagem passa a ser o critério que define um campo. Igualmente, não é o *tema* que define a História Social do Trabalho, mas a *abordagem* que dele é feita.

A rigor, eu também não deveria chamar de história social do trabalho o conjunto da produção dos últimos 50 anos que pretendo comentar, pois nela comparecem muitos trabalhos que, por sua perspectiva analítica, não seriam no sentido estrito uma história social do trabalho. Portanto quero insistir que estou generalizando o que, houvesse tempo, precisaria ser mais criteriosamente definido.

2. OS BALANÇOS BIBLIOGRÁFICOS E AS PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES NA HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO NO BRASIL

Balanços bibliográficos cada vez mais numerosos são fortes indicativos do interesse pela história social do trabalho e que se expressa numa produção robusta, que dá suporte a estes balanços.

Alguns deles são listas bibliográficas comentadas, mas a maioria são análises sobre a produção historiográfica, abordando temas, referências teóricas, permanências, transformações, perspectivas e dilemas. Pelo refinamento das suas análises, tornaram-se uma fonte indispensável para quem pretenda acompanhar criticamente a produção nesse campo, que permanece dinâmico, cheio de inovações e capaz de surpresas.

Localizei 37 textos sobre o “estado da arte”¹ e é interessante observar o crescimento de seu número desde a década de 60:

Dados quantitativos dos balanços desde 1967:

1967-1 (nada em 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973) **1974-1** (nada em 1975, 1976, 1977, 1978), **1979-1, 1980-1, 1981-2, 1983-1**, (nada em 1984, 1985), **1986-1, 1987-2** (nada em 1988, 1989, 1990, 1991), **1992-3** (nada em 1993, 1994), **1995-2** (nada em 1996) **1997-1, 1998-5, 1999-1** (nada em 2000) **2001-4** (nada em 2002) **2003-1**, (nada em 2004), **2005-2, 2006-2, 2007-1, 2008-1, 2009-4.**

Década de 60-	1 trabalho
Década de 70-	3 trabalhos
Década de 80-	6 trabalhos
Década de 90-	13 trabalhos
Década de 10 (até 2009)-	14 trabalhos
TOTAL:	37 trabalhos

Não posso resumir estes balanços e apenas indicarei algumas transformações que considero importantes nos últimos 50 anos, sem esquecer que há inúmeras permanências, demonstrando também a continuidade desse campo. Mas não me ocuparei delas.

De um modo geral, se observamos a história do trabalho que se desenvolve a partir dos anos 70, suas transformações foram extensas e estimulantes. Os historiadores foram integrando com mais agilidade estruturas e processos com sujeitos e ações, insistindo que ambos têm que ser considerados seriamente. As questões de gênero, etnia e idade, por exemplo, ampliaram as dimensões analíticas e, relacionadas com as classes foram importantes inovações. Aprenderam

valorizar a linguagem e que interpretação e explicação são necessárias para expressar o conhecimento produzido. E diante da crescente fragmentação do conhecimento histórico, estão mais atentos para considerar o contexto e as inter-relações.

Os estudos sobre escravidão e pós-emancipação e os voltados aos trabalhadores livres, urbanos e imigrantes ocorriam como coisas isoladas. No mesmo “pacote” de dicotomias, estava a oposição entre rural e urbano, arcaico e moderno; nacional e imigrante, etc. Esta separação se expressava também em outro signo: uma história social trabalho voltada para as relações de produção, greves, sindicatos, partidos e ideologias, e uma história social da cultura analisando costumes, lazer, habitação, alimentação enfim, a vida fora da fábrica. Mas o aprofundamento das pesquisas foi demonstrando a insuficiência desses percursos paralelos e que estas dicotomias fragmentavam o que é um processo uno, entrelaçado, mas simultaneamente heterogêneo, com diferenças internas e fora do qual a experiência e a formação da classe trabalhadora não pode ser explicada.

O foco preferencial era trabalho livre, assalariado, operário e imigrante. Nesta lógica, o final do século XIX e a abolição eram o marco que separava o mundo da escravidão do mundo do trabalho livre. Esta ruptura era “costurada” por uma *transição* entre estes dois mundos, explicada pela *substituição* do escravo pelo imigrante europeu, o negro desaparecendo no mundo do trabalho livre. A transformação vem ocorrendo no sentido de abandonar a idéia de fases “transitórias” ou “substituições” que determinariam a história do trabalho e assumir que o trabalho livre no Brasil está ligado não apenas à mão-de-obra imigrante, mas ao trabalhador escravo que a antecedeu.³ Da mesma forma, o trabalhador rural, quase ausente na historiografia, está mais integrado no mundo do trabalho.

Escravos ou operários eram entendidos como efeitos estruturais. O sistema escravista constituía os primeiros; a fábrica, os segundos. Desta concepção decorria a exclusão dos sujeitos de sua própria história. Assim, os responsáveis da luta pela abolição eram os abolicionistas e não os escravos. Os operários, por sua vez, eram subsumidos a um movimento organizado em sindicatos, greves e partidos ou a um estado populista. A transformação que acontece é no sentido de perceber que as experiências de exploração e os significados culturais que lhes são conferidos fazem os trabalhadores sujeitos da sua história, com um protagonismo antes pouco presente na historiografia.

Também vêm mudando os marcos espaciais da história do trabalho ligados ao paradigma da história nacional, esta entendida como a experiência de São Paulo e Rio de

³ LUPION, Marcia Regina Oliveira. A gênese da história do trabalho e dos trabalhadores no Brasil e os paradigmas da “transição” e da “substituição”. IN: www.revistatemalivre.com (nº 11 ano 2006). Acessado em 20 de junho de 2011.

Janeiro. Também o espaço preferencial era o do trabalho urbano, ficando o mundo rural em um plano pouco destacado. Esta percepção foi sendo transformada principalmente pelas pesquisas que os PPG's desenvolveram nos e sobre os diferentes estados. O acesso às fontes locais e o desejo de trabalhar com sua própria história é uma força que deslocou muitas pesquisas para regiões e cidades. O espaço urbano já divide a atenção com questões da luta pela terra, da demarcação de territórios indígenas e remanescentes de quilombos. A pesquisa foi demonstrando que a realidade do centro-sul não dava contas da história do trabalho no Brasil, que necessita uma explicação mais estendida. Mas permanece o desafio de lidar com temas e fontes locais sem perder de vista conexões nacionais, nem as que já se voltam para uma história global do trabalho com enfoques transnacionais.

Sobre as fontes, a própria abordagem da história social do trabalho levou a uma ampliação desse repertório. A imprensa não perdeu sua importância tradicional, porém a legislação e os processos judiciais nesse momento, pelas novas perguntas que lhes são formuladas, constituem uma vertente muito promissora. Um indício são os inúmeros livros e artigos publicados nos últimos anos sobre o tema.⁴ Como é fácil imaginar, lidar com novas fontes trouxe para os historiadores do trabalho problemas teóricos e temáticos que tornaram mais complexas suas análises. Assim a justiça, de um elemento de dominação de classe para submeter os trabalhadores, passa a ser percebida como um campo de forças em tensão e luta. Esta leitura se desenvolve principalmente a partir da análise das relações entre Estado e trabalhadores no pós-trinta, colocando em questão da idéia de um sindicalismo dócil e cooptado e fazendo uma outra leitura do populismo, com as resistências e fissuras no sistema. Este mesmo caminho foi feito para analisar a luta dos escravos e o aproveitamento das brechas da legislação, o que remete também à descaracterização da violência como a única forma de luta dos escravos. É necessário, no entanto não absolutizar as virtudes dessa fonte e atentar, por exemplo, que o Estado ultrapassa a lei, existindo um vasto campo de intervenção estatal e atuação governamental não formalizado juridicamente.

Enfim, esses são uns poucos e esquemáticos exemplos das profundas transformações que a história do trabalho experimentou nesse período de 50 anos. Nos citados balanços historiográficos elas aparecem muito mais numerosas e com um grande refinamento analítico,

⁴ Entre outros, LARA, Sílvia e MENDONÇA, Joseli. (orgs.) *Direitos e justiças no Brasil*. Campinas, UNICAMP, 1995; FORTES, Alexandre e outros. *Na luta por direitos*. Campinas, UNICAMP, 1999; FRENCH, John. *Afogados em leis*. S. Paulo, Perseu Abramo, 2001; SCHMIDT, Benito (org). *Trabalho, justiça e direitos no Brasil*. S. Leopoldo, Oikos, 2010; GOMES, Ângela de Castro e PESSANHA, Elina. *Trajetórias de juízes*. Porto Alegre, Justiça do Trabalho, 2010. GOMES, Ângela de Castro. *Cidadania e direitos do trabalho*. R. de Janeiro, Jorge Zahar, 2002; CORREA, Larissa R. *A tessitura dos direitos*. Patrões e empregados na Justiça do Trabalho, 1953-1964. S. Paulo, FAPESP, 2011

que expressa a qualidade historiográfica que este domínio alcançou a partir da perspectiva de uma história social do trabalho.

3-A REVISTA DE HISTÓRIA DE USP E A REVISTA BRASILEIRA DE

HISTÓRIA DA ANPUH

Para demonstrar também como história do trabalho vem aumentando seu espaço no mundo acadêmico, vou apresentar uma série de indicadores, a começar por publicações periódicas.

Diante da necessidade de fazer uma seleção nesse vasto universo, escolhi, pelo prestígio que possuem, a *Revista de História da USP*, fundada em 1950, cujo conteúdo examinei até o aparecimento da *Revista Brasileira de História*, publicada pela ANPUH a partir de 1981 e que examinei até 2010.

Tomei como referência o *título* dos artigos (o que às vezes não permite definir precisamente o conteúdo da matéria) e não fiz uma quantificação exata, pois não localizei alguns números. Mesmo assim, percebe-se a quase completa ausência do tema do trabalho e dos trabalhadores nos primeiros anos. No *Índice temático* das revistas de número de nº **1 a 40, publicadas de 1950 a 1959**⁵, não há verbetes como “Operários”, “Trabalho”, etc. No verbete (excepcional) “História do Trabalho” aparece a resenha do livro de Émile Coornaert “Les hommes au travail”, Paris, 1949 (1950, V.1, nº2)

Quanto ao *Índice de títulos*, a maior aproximação que encontrei se refere aos que mencionam temas de economia ou escravidão. Cito alguns como exemplo:

-A situação econômica no tempo de Pombal -O pau-brasil. -O monopólio do sal no Estado do Brasil. -Primeiras tentativas de comércio entre Inglaterra e Brasil (1530-1542). -O ciclo do pau-brasil e do açúcar. -Aspectos da pesca da baleia no Brasil Colonial. -O português Duarte Lopes e o comércio espanhol de escravos negros.

Fazendo o levantamento dos títulos das matérias e agrupando em dois grandes blocos que se referem, num sentido amplo, às várias circunstâncias do trabalho livre e do trabalho escravo (que é uma distinção bem nítida nesses títulos) encontrei os seguintes resultados:

Revista de História (1950-1980, nºs 1 a 112) 30 anos

Trabalho livre-25 Trabalho

escravo-26

⁵ PAULA, Eurípedes Simões de (org.) *Revista de História. Índice dos números 1 a 40 (1950-1960)*. S. Paulo, 1966.

Revista Brasileira de História (1981-2010, n°s 1 a 60) 30 anos

Trabalho livre-86 Trabalho
escravo-65

TOTAL em 60 anos

Trabalho livre-111 Trabalho
escravo-91

TOTAL: 207 títulos

Sobre estes títulos, quero fazer uns poucos comentários:

- a) Acho que a divisão trabalho livre/trabalho escravo é ainda apropriada para esta bibliografia, pois são apenas 7 títulos, nesses 60 anos, sobre relações de libertos com trabalhadores livres ou escravos ou sobre o pós-abolição:

-Kátia Mattoso. No Brasil escravista: relações sociais entre libertos e homens livres e entre libertos e escravos”, de (V.1, n° 2, set. 1981).

-Sidney Chalhoub e outros. Trabalho escravo e trabalho livre na cidade do Rio: vivências de libertos, galegos e mulheres pobres. (V.5, n° 8/9, set. 1984-abril 1985.), -Ana M. dos Santos e Sonia Mendonça. Representações sobre o trabalho livre na crise do escravismo fluminense (1870-1903).(V. 6, n° 11, set. 1985/fev.1986). -Sidney Chalhoub. Medo branco de almas negras: escravos, libertos, e republicanos na cidade do Rio. (V.8, n° 16, mar. 88 /ago.88).

-Maria Helena Machado. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. (V.8, n° 16, mar. 88 /ago.88). (Quero observar que este é o único título, em todo o levantamento, em que aparece a expressão “história social da escravidão”)

-Geraldo Antonio Soares. Esperanças e desventuras de escravos e libertos em Vitória e seus arredores ao final do século XIX. V. 26, n° 52, 2006. -Resenha do livro de Regina Célia Lima Xavier. História da escravidão e da liberdade no Brasil Meridional. Silvia R. F. Petersen. V. 28, n° 56, 2008.

- b) Encontrei apenas 4 títulos sobre o apresamento e trabalho indígena no Brasil Colônia:

-Alfredo Ellis Jr. A queda do bandeirismo de apresamento. V 1, n° 3, 1950. -Heloisa Bellotto. Trabalho indígena, regalismo e colonização do Estado do Maranhão nos séculos XVII e XVIII. V. 2, n° 4, set. 1982. -Mario Pastore. Trabalho forçado indígena e campesinato mestiço livre no Paraguai: uma visão de suas causas baseadas na teoria da procura de rendas econômicas. V. 11, n° 21, set 90/fev. 91. -Helder Macedo. Escravidão indígena no sertão da Capitania do Rio Grande do Norte. V. 28, n° 56, 2008.

- c) Exemplos de temas do trabalho livre (no sentido amplo) que aparecem nos títulos: Industrialização, fábricas, disciplina e controle do espaço fabril. Ofícios mecânicos e artesanais; Legislação do trabalho e usos sociais da justiça; Sindicatos, partidos e formas de organização operária; movimentos sociais; Movimento operário, classe trabalhadora e estado; Cultura e trabalho; gênero e trabalho; Memória e identidade de trabalhadores; biografias de militantes; Anarquismo; Greves e formas de reivindicação e resistência; repressão. Migração e mão de obra; Trabalho rural; política agrícola;

Esta análise das *Revistas* mostra que a temática do trabalho e dos trabalhadores, embora bastante indefinida e quase ausente nos primeiros anos, não deixou de comparecer de forma crescente nessas publicações, que chegaram inclusive a publicar alguns números temáticos, como “À luta, trabalhadores” (V.3, Nº 6, 1983), “Terra e poder” (V.6, Nº 1, 1986); “Escravidão” (V. 8, Nº 16, 1988); “Estruturas agrárias e relações de poder” (V.11, Nº 22, 1991); “Escravidão” (V.26, Nº 52, 2006). Faltou realizar uma quantificação do total de matérias publicadas para estabelecer o percentual da história do trabalho. De qualquer forma, se comparamos este quantitativo com o número de matérias apresentadas em simpósios, seminários e encontros, vemos que a produção nestes últimos é extraordinariamente mais numerosa que a publicada nas referidas revistas. Fica uma interrogação sobre as razões desse fato, que poderia ser, por exemplo, a linha editorial das revistas.

4-A HISTORIA DO TRABALHO EM SIMPÓSIOS, SEMINÁRIOS, ENCONTROS, GRUPOS DE PESQUISA, EXPOSIÇÕES E CURSOS

Um indicador mais explícito do desenvolvimento de uma história social do trabalho, encontramos ao examinar a programação de simpósios, seminários, encontros, grupos de pesquisa, exposições e cursos

4.1. Os eventos no âmbito da ANPUH

a) Simpósios Nacionais

Talvez os eventos acadêmicos de maior significado para a discussão da história do trabalho sejam os simpósios nacionais e estaduais da ANPUH, por sua tradição junto aos historiadores e pelo numeroso público participante ou assistente. A consulta aos anais ou cadernos de resumos desses simpósios revela a vitalidade do tema, a ampliação seu espaço e refinamento das propostas de análise.

XXI	Niterói	2001	1900	207
XXIII	Londrina	2005	2880	169
XXIV	S. Leopoldo	2007	3000	185
XXVI	S. Paulo	2011	4500	270

Infelizmente, não consegui a série completa dos *Anais*, e assim me limito a uma análise parcial, na qual englobo as apresentações em conferências, mesas redondas, comunicações, cursos etc. Os números são aproximados, pois o título dos trabalhos nem sempre permitiu identificar precisamente seu conteúdo. Quero lembrar o que já disse: temas que antes eram qualificados como história operária ou história da escravidão, hoje se são apresentados -sem que haja má fé nisso- como história social do trabalho, embora seu conteúdo não corresponda rigorosamente a esta forma de abordagem.

HISTÓRIA DO TRABALHO NOS SIMPÓSIOS NACIONAIS DA ANPUH

Nesse quadro, quero destacar o seguinte:

-Embora o I Simpósio Nacional da ANPUH date de 1961, em Marília, os dados mais recuados a que tive acesso referem-se ao XI Simpósio, realizado em João Pessoa, em 1981, no qual houve 212 participantes e 19 trabalhos sobre o tema.

-Os dados seguintes são do XIX Simpósio Nacional da ANPUH, em 1997, em Belo Horizonte. Segundo os organizadores, houve em torno de 1400 apresentações, mas os *Anais* (2 volumes) reproduzem o texto integral de apenas 43, dentre as quais nenhuma sobre História do Trabalho.

SIMPÓSIO NACIONAL	LOCAL	ANO	NÚMERO APROXIMADO DE APRESENTAÇÕES	NÚMERO APROXIMADO DE APRESENTAÇÕES SOBRE HISTÓRIA DO TRABALHO
XI	João Pessoa	1981	212	19
XIV	Brasília	1987	207	44
XIX	B. Horizonte	1997	1400	s/ Informação
XX	Florianópolis	1999	1500	156

Não há indicação dos critérios presidiram a seleção dos trabalhos publicados, mas é pouco provável que, em 1400 apresentações e comparando com as outras edições do Simpósio Nacional, não houvesse nenhum dentro do tema do trabalho. Sendo assim, a seleção parece indicar a pouca importância concedida a esta temática pelos organizadores dos *Anais*.

-No XX Simpósio Nacional da ANPUH, em 1999 em Florianópolis, foram apresentados ao redor de 1500 trabalhos, sendo 156 dentro do campo da história do trabalho. Ainda que

apareçam excepcionalmente, quero observar que encontrei as expressões “mundo do trabalho”, “família escrava” e “fronteiras entre escravidão e liberdade” nos títulos de 3 trabalhos apresentados.

-No XXI Simpósio Nacional de História, realizado em 2001 em Niterói, num total de 1900 apresentações, sendo 207 sobre história do trabalho, quero mencionar algumas, pois expressam as transformações que vão ocorrendo:

a) Na modalidade de Mesas Redondas (com três participantes cada), houve um total 19 apresentações. Destaco três mesas pelo significado de seus títulos: “Mundos do trabalho em perspectiva interdisciplinar”; “E.

P. Thompson no Brasil: sua influência nos movimentos sociais e da escravidão” e “A África, a escravidão e a memória do cativo em duas comunidades negras no Rio de Janeiro” As outras mesas foram: “O movimento operário nas décadas de 1920 e 1930: (des)continuidades”; “Classes populares e movimentos sociais: entre o individual e o coletivo” e “A historiografia dos movimentos sociais na América Latina” (esta com 4 participantes) b) Houve ainda 92 apresentações na modalidade Comunicações coordenadas, 93 em Grupos de trabalho e 3 Conferências.

-No XXIII Simpósio Nacional da ANPUH realizado em Londrina em 2005, em um total de 2880 trabalhos apresentados, temos 169 na área. Embora não apareça a denominação história social do trabalho, temos a área temática de *História, trabalho e movimentos sociais* que abrigou três simpósios: “Trabalhadores, cultura e instituições de classe” (39 trabalhos), “Lutas sociais, urbanas e rurais” (39 trabalhos) e “Trabalho escravo, trabalho compulsório e trabalho livre (26 trabalhos) e a área temática de *Estudos da escravidão*, que abrigou um simpósio, “Escravidão: sociedades, culturas, economia e trabalho” (40 apresentações). Além desses simpósios, encontrei mais 25 apresentações sobre o tema incluídas em simpósios de outras áreas.

b) Encontros Estaduais ou Regionais da ANPUH. Em relação aos Encontros Estaduais, o material mais acessível para mim, por razões óbvias, foi o do RGS, onde esses encontros acontecem a partir de 1984. Mas não pude localizar informações anteriores ao Encontro de 1996.

HISTÓRIA DO TRABALHO NOS ENCONTROS ESTADUAIS DA ANPUH

ENCONTRO ESTADUAL	LOCAL	I.E.S.	ANO	NÚMERO APROXIMADO DE APRENTAÇÕES.	NÚMERO APROXIMADO DE APRENTAÇÕES SOBRE HISTÓRIA DO TRABALHO
III Encontro	P. Alegre	UFRGS	1996	111	7
IV Encontro	S.Leopoldo	UNISINOS	1998	152	14
V Encontro	P. Alegre	UFRGS	2000	140	27
VI Encontro	P. Fundo	UPF	2002	180	26
VIII Encontro	Caxias	UCS	2006	200	38
IX Encontro	P Alegre	UFRGS	2008	280	45
X Encontro	S. Maria	UFSM	2010	s/ informações	s/ informações

c) O GT Nacional Mundos do Trabalho ANPUH e suas seções estaduais.

Ainda no âmbito da ANPUH, quero destacar a importância da criação e do percurso do GT Mundos do Trabalho.

Durante o XX Simpósio Nacional de História (Florianópolis, 1999), um grupo de pesquisadores do Rio Grande do Sul deliberou reunir-se para institucionalizar uma prática de debate que vinha ocorrendo em diferentes instâncias acadêmicas, constituindo o primeiro núcleo regional do GT. Pouco tempo depois, um grupo de pesquisadores de São Paulo, tomou a mesma iniciativa. Em 2000, estes dois grupos se reuniram e propuseram à diretoria da ANPUH a institucionalização do GT nacional, o que foi aprovado em dezembro daquele ano. Depois se organizaram os do Rio de Janeiro, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Bahia e Ceará.

Desde 2009, o GT mantém a revista eletrônica, *Mundos do Trabalho*, <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho>, uma lista de discussão na internet e um site: www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho.

O GT organiza sessões nos Simpósios Nacionais e Encontros Estaduais da ANPUH e neste XXVI Simpósio, teve aprovados um número ímpar de apresentações: duas mesas redondas e três simpósios temáticos, sendo estes os seguintes:

Nº 99-Mundos do trabalho: as lutas dos trabalhadores em perspectiva histórica: experiências, processos, contexto. (36 trabalhos)

Nº 100-Mundos do trabalho: a reinvenção dos mundos. (29 trabalhos)

Nº 101-Mundos do trabalho: nação, experiências e identidades nas fronteiras do trabalho. (35 trabalhos)

Além disso, o GT Mundos do Trabalho tem realizado as **Jornadas Nacionais de História do Trabalho**, a primeira em Pelotas, em 2002, com 38 trabalhos apresentados; as

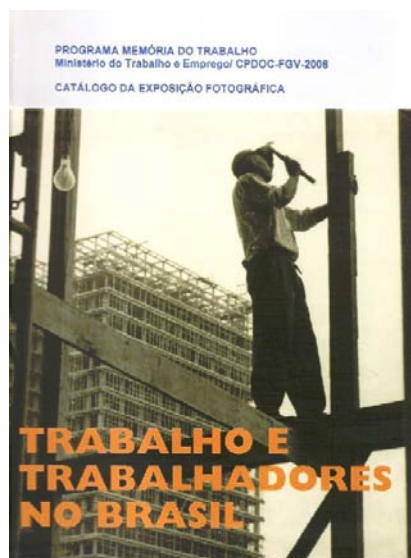
segundas, em Florianópolis em 2004, com mais de 100 trabalhos inscritos. Em 2010 houve as quintas Jornadas Nacionais de História do Trabalho na UFSC, junto ao 1º Encontro Internacional Mundos do Trabalho, com 126 trabalhos apresentados.

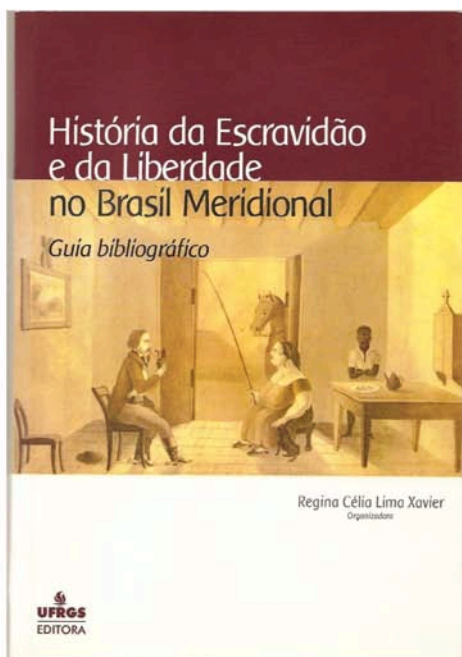
Também indico a realização das **Jornadas Regionais do GT Mundos do Trabalho**, que em 2009 no RGS já estavam na 5ª edição, realizada em Porto Alegre, em parceria com o Memorial do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região. Nela foram apresentados 66 trabalhos (3 mesas redondas, num total de 9 participantes, uma conferência e 57 comunicações). Também foi publicada uma coletânea com textos apresentados.

A produção científica dos participantes do GT tem sido expressiva, como indicam os livros que publicaram ou organizaram nos últimos anos e alguns dossiês em periódicos da área de História, como *Tempos Históricos* (UNIOESTE), *Trajetos* (UFC) e *Anos 90* (UFRGS) entre muitos outros.

4.2. Encontros, exposições e cursos sobre a história do trabalho.

Além dos eventos realizados no âmbito da ANPUH, há outros também muito importantes para esta área, que reúnem um numeroso público e cuja qualidade acadêmica atrai pesquisadores estrangeiros e permite a captação de recursos junto as mais importantes agências de fomento. Cito aqui apenas alguns mais recentes: a) Em 2006 foi realizada a **Exposição Fotográfica Trabalho e Trabalhadores no Brasil**, em comemoração aos 120 anos do 1º de maio. A mostra fez parte do **Programa e Concurso Memória do Trabalho no Brasil**, desenvolvido por meio da Lei de Incentivo à Cultura, com apoio institucional do Ministério do Trabalho e Emprego e executado pela Fundação Getúlio Vargas. O material iconográfico foi coletado em dez estados e conta, por meio de fotografias, momentos diferentes da história do trabalho, mostrando trabalhadores em ação ou participando de manifestações promovidas pelos movimentos sindicais no Brasil. A mostra foi inaugurada em Brasília e as fotos passaram pelas cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém e Porto Alegre. Esta foi maior exposição instalada no país sobre o tema. Foram 150 fotos, a maioria inéditas, além de reproduções de pinturas, cartazes, documentos e outros registros. As fotografias foram selecionadas por uma equipe de 20 pesquisadores em diversos arquivos públicos, sindicatos, universidades, museus e acervos. Esta descrição detalhada tem por objetivo mostrar a envergadura que tem assumido eventos sobre a história do trabalho no Brasil.





b) Dentro do mesmo concurso “Memória do Trabalho no Brasil” foram premiados entre outros, o projeto coordenado por Regina Célia Lima Xavier que resultou na publicação do livro *História da escravidão e liberdade no Brasil Meridional* (P. Alegre, Editora da UFRGS, 2007), e o projeto coordenado por Luigi Biondi e Edilene Toledo “*Mundos dos trabalhadores na cidade da luz: fontes para a história social do trabalho em Fortaleza, 1891-1979*”, cujos resultados foram publicados em dois DVD’s com o mesmo título.



c) Projeto contemplado para o **Programa Nacional de Cooperação Acadêmica da Capes (PROCAD)** “**Cruzando fronteiras: a história do trabalho no Brasil para além das fronteiras tradicionais**” (UFRGS, UFSC e UFRRJ) -2009 (em andamento).

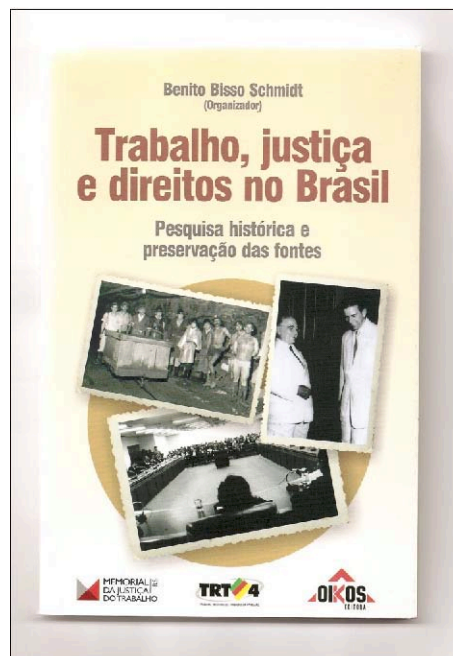
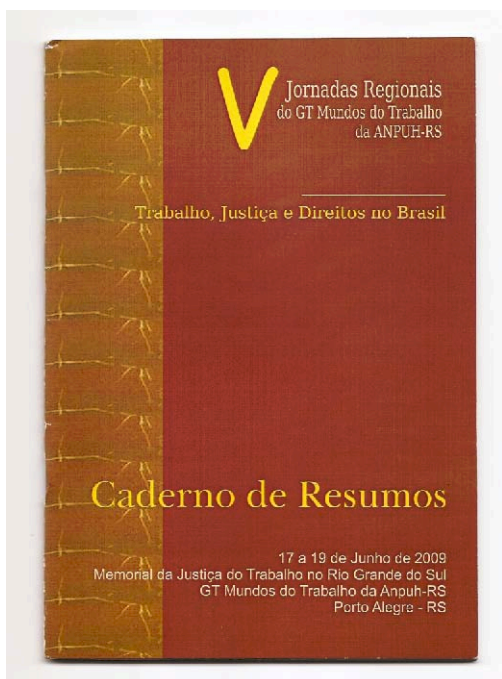
d) Projeto contemplado para o **Programa Nacional de Cooperação Acadêmica da Capes (PROCAD)**: “**Costumes, direitos e cidadania: dimensões da experiência dos trabalhadores no Brasil (Séculos XVII a XX)**” (Unicamp, UFBA, UFC)-2009.(em andamento)

e) **1º Seminário Relações de Poder, Trabalho e Movimentos Sociais. Cruzando fronteiras: novos olhares sobre a História do Trabalho.**

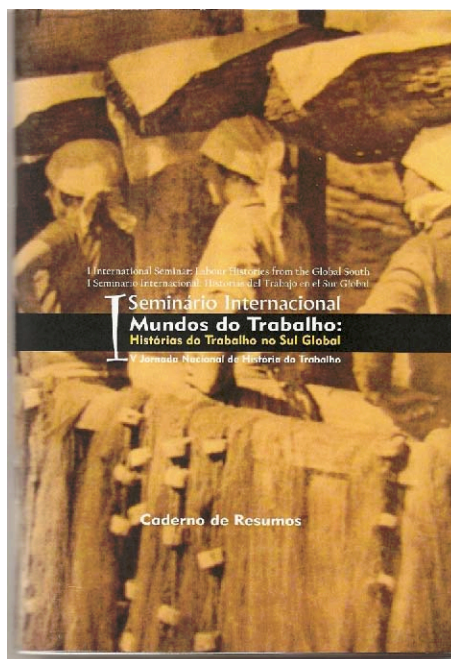
Seropédica, RJ, 11-13 agosto de 2009. Promoção: UFRRJ; UFRGS; UFSC -Projeto PROCAD-CAPES Cruzando Fronteiras. A História do Trabalho no Brasil para além das dicotomias tradicionais. (66 trabalhos apresentados)



f) V Jornadas Regionais do GT Mundos do Trabalho-ANPUH/RS e Memorial da Justiça do Trabalho-Porto Alegre, 2009 e publicação de livro com comunicações apresentadas..

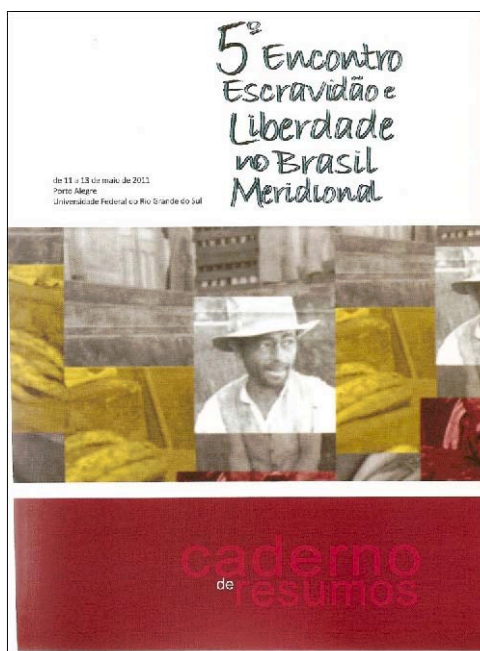


g) **1º Seminário Internacional Mundos do Trabalho: Histórias do Trabalho no Sul Global-V Jornada Nacional de História do Trabalho.** Florianópolis, 25 a 28 de outubro de 2010. Promotores UFSC, UFRRJ; UFRGS; Projeto PROCAD-CAPES, GT Nacional “Mundos do Trabalho” da ANPUH; PPG em História da UFSC. (Mais de 100 trabalhos apresentados)



h) Merece um comentário especial, pelo significado que possuem na história social do trabalho escravo e pós-abolição os **Encontros “Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional”**, que vem acontecendo há cada dois anos⁶ e que este ano teve sua 5ª edição, internacional, na UFRGS, e contou com 118 apresentações de trabalhos. No conjunto desses cinco encontros, foram apresentados 424 trabalhos. Em nenhum dos casos, incluímos o número de pôsteres que foram expostos.

⁶ 1º Encontro -Castro, PR, 2003-39 apresentações; 2º Encontro-Porto Alegre, UFRGS, 2005-69 apresentações; 3º Encontro Florianópolis, UFSC, 2007-94 apresentações; 4º Encontro-Curitiba, UFPR, 2009-104 apresentações.

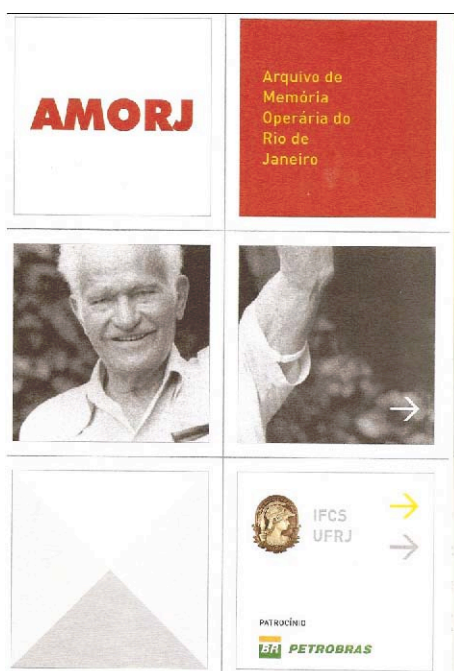


Como já observei, quando se consultam os livros de resumos ou anais desses simpósios, seminários e encontros, é impressionante constatar o número de trabalhos apresentados, o que dá uma medida do interesse que este tema, apesar das aparências em contrário, continua despertando entre os pesquisadores. Como se sabe, durante esses eventos são realizadas também exposições, lançamento de livros, apresentação de filmes, etc. o que amplia ainda mais o espaço de divulgação e discussão do tema.

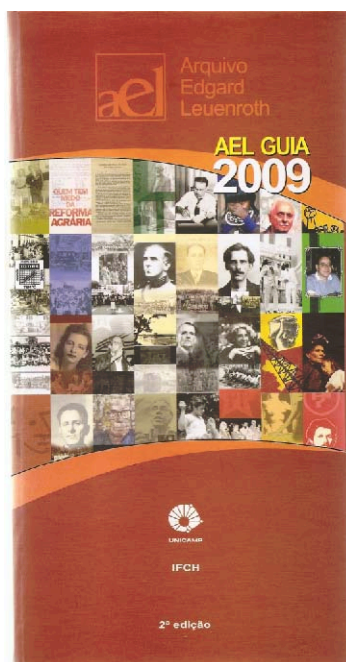
5-ARQUIVOS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

A multiplicação de arquivos e centros de documentação e pesquisa voltados direta ou extensivamente à história social do trabalho é também indício importante do crescimento do interesse pelo tema. Apenas a título de exemplo, vou indicar alguns destes arquivos e centros de documentação no Brasil e alguns eventos por eles realizados:

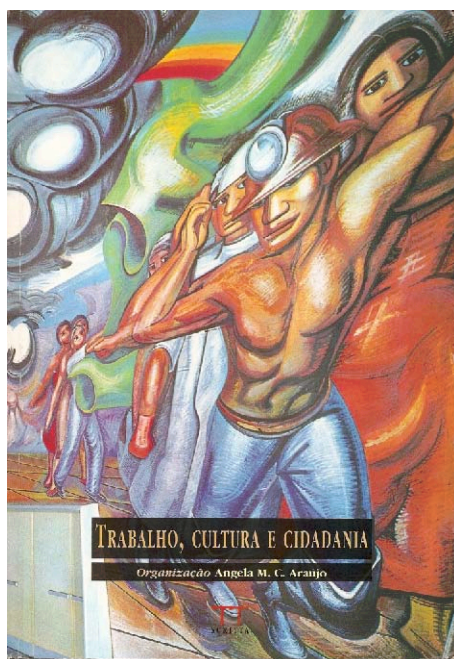
-Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ-UFRJ)



-Arquivo Edgard Leuenroth-Campinas, UNICAMP.



-Publicação do **Seminário comemorativo dos 20 anos do AEL-Campinas Unicamp**, agosto 1994



-Seminário Internacional “Arquivo Edgard Leuenroth: história e pesquisa.” Campinas, UNICAMP 17 a 20 de maio de 2010. (53 trabalhos apresentados)

O SEMINÁRIO INTERNACIONAL ARQUIVO EDGARD LEUENROTH: **HISTÓRIA E PESQUISA** busca consolidar uma tradição de trocas acadêmicas entre historiadores, cientistas sociais e dirigentes de instituições arquivísticas, além de fortalecer práticas interdisciplinares. O evento realiza a vocação original do AEL: constituir-se em polo estimulador e difusor de investigações científicas, sobretudo no campo da história social brasileira. Ao chegar aos seus 35 anos de existência com sede nova e ampla, equipada com vistas e uma melhor preservação e difusão mais eficiente do seu patrimônio documental, o Arquivo pretende, com este seminário, colocar em discussão os resultados das pesquisas por ele subsidiadas e abrir-se para novas áreas e linhas de investigação. Para tal, reúne pesquisadores que vêm desenvolvendo importantes investigações no âmbito do arquivo, professores de universidades brasileiras e estrangeiras, com contribuição destacada nas áreas de intervenção do AEL, e profissionais de instituições arquivísticas nacionais e internacionais.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Alvaro Bianchi - DCP/IFCH/Unicamp
Prof. Dr. Cláudio Belanha - DH/IFCH/Unicamp
Prof. Dr. Fernando Teixeira da Silva (presidente) - DH/IFCH/Unicamp
Prof. Dr. Michael Hill - DH/IFCH/Unicamp
Prof. Dr. Sidney Chalhou - DH/IFCH/Unicamp

APOIO: SECRETARIA DE EVENTOS DO IFCH/UNICAMP

ORGANIZAÇÃO

Humberto Celeste Inharrell (Área de Informática do AEL)
Marta Dutra Lima (Seção de Difusão e Atendimento do AEL)
Mônica Au. da Silva (Seção de Difusão e Atendimento do AEL)

COMO CHEGAR

PELAS RODOVIAS
Bando Anhem (SP 348) ou Anhangüera (SP 330) utilizar saída 105 para a rodovia D. Pedro I (SP 055) e a seguir saída Paulínia/Unicamp/Barão Geraldo

ESTAÇÃO RODoviÁRIA DE CAMPINAS
PRÓXIMO A AVENIDA LUÍS EDUARDO DE CAMPINAS:
3.31 Barão Geraldo/Rodoviária;
3.32 Unicamp/Rodoviária

TERMINAL BARÃO GERALDO
3.29 Terminal Barão Geraldo/Unicamp/Cidade Judiciária;
3.32 Terminal Barão Geraldo/Circular Rótula

TERMINAL CENTRAL
3.30 Terminal Central/Unicamp/Hospital de Clínicas

**SEMINÁRIO INTERNACIONAL
ARQUIVO EDGARD LEUENROTH:
HISTÓRIA E PESQUISA**

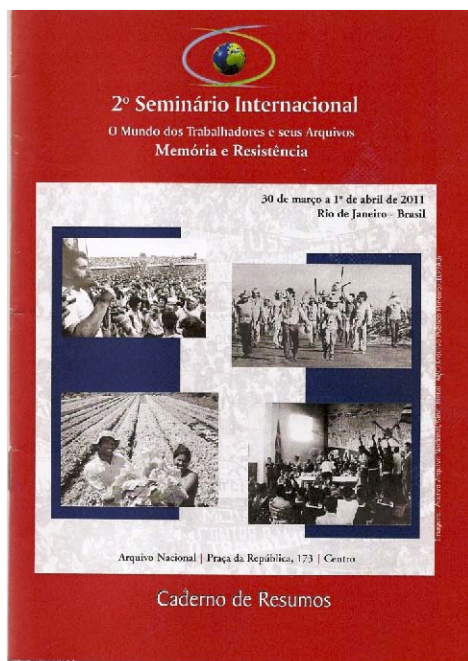
Campinas, 17 e 20 de Maio de 2010

**IFCH/UNICAMP
Auditório I**

Logos: UNICAMP, Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, FAPESP, LAPEX UNICAMP, CAPES

-1º Seminário Internacional “O mundo dos trabalhadores e seus arquivos”. São Paulo, 9 a 11 de setembro de 2008. Central Única dos Trabalhadores e Arquivo Histórico Nacional.

-2º Seminário Internacional “O mundo dos trabalhadores e seus arquivos. Memória e resistência”. Rio de Janeiro, 30 de março a 1º de abril de 2011. Arquivo Nacional e Central Única dos Trabalhadores, com 36 apresentações.



-Memorial da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul.-Porto Alegre. -Núcleo de Documentação Histórica-UFPel-Pelotas, RS.

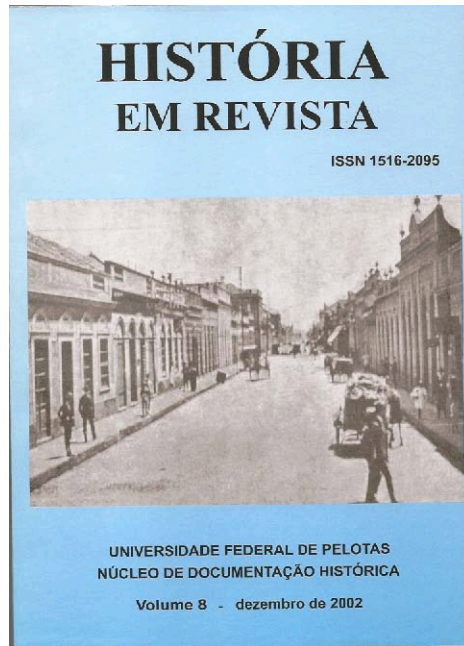
MEMORIAL DA JUSTIÇA DO TRABALHO

Acervo

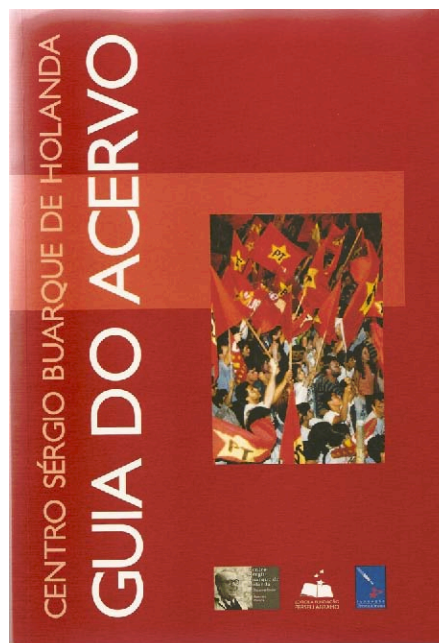
- **Processos trabalhistas** julgados desde a década de 1930 (quando foram instaladas as primeiras Juntas de Conciliação e Julgamento) até a atualidade, referentes a vários municípios do RS.
- Coleção de **acórdãos** encadernados, publicados entre 1941 e 1980.
- **Documentos administrativos** de diversos setores do TRT4, desde a sua criação em 1941, até a atualidade.
- **Entrevistas** com operadores e usuários da Justiça do Trabalho.
- **Fotografias** de personalidades e eventos do TRT4.
- **Objetos** ligados à história do TRT4.
- **Biblioteca** de apoio à pesquisa.
- **Acervos privados** envolvendo a história do trabalho.

Ajude a contar esta história
Entre em contato por telefone ou e-mail para doações ou para agendamento de visitas ao Memorial.

Atendimento a pesquisadores e público em geral segunda a sexta-feira das 10h às 18h.



-Centro Sérgio Buarque de Holanda. Fundação Perseu Abramo. São Paulo



-Centro de Documentação e Memória da UNESP Julio de Mesquita Filho (CEDEM-UNESP).

-Centro de Documentação e Memória Social da CUT.

-Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil (1964-1985)-Memórias Reveladas-Arquivo Nacional-RJ.

-Núcleo de Pesquisa, Documentação e Políticas Públicas no Campo – UFRRJ.

-Núcleo de Documentação sobre os Movimentos Sociais da UFPE.

6-A TEMÁTICA DA HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Considerando que nos Programas de Pós-Graduação em História se desenvolve uma parte significativa da produção do conhecimento histórico no Brasil, procurei identificar neles áreas de concentração e/ou linhas de pesquisa “amistosas” à abordagem da história social do trabalho. No meu levantamento (57 programas) encontrei 30 com esta característica. Como observei antes, não pude consultar as disciplinas oferecidas e as dissertações/ teses defendidas, o que constitui uma lacuna importante para a análise.

APROXIMAÇÕES DAS ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO E/ OU LINHAS DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO COM A HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO

PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (30 PROGRAMAS)	ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	LINHAS DE PESQUISA
UFF	História Social	Economia e sociedade
UFRJ	Historia Social	Política e sociedade
PUCSP	Historia Social	Cultura e trabalho
UNICAMP	Historia Social	-Historia social do trabalho/-Historia social da cultura/-Historia Social da África
USP	Historia Social	-História dos movimentos e relações sociais/-Escravidão e história atlântica
USP	Hist. Econômica	
UnB	Historia Social	Sociedade, instituições e poder
UFU	História Social	Trabalho e movimentos sociais
UFRGS	Historia Social	Relações sociais de dominação e resistência
UFC	História Social	Trabalho e migrações
UERJ	História Social	
UEL	História Social	

UNIRIO	História Social	
USS	História Social	
UNIOESTE	História, poder e práticas sociais	Trabalho e movimentos sociais
UFSC		Trabalho, sociedade e cultura
UEM		Política e movimentos sociais
UFRRJ		Relações de poder, trabalho e mov. sociais
UFJF		Poder, mercado e trabalho
UFSJ		Poder e relações sociais
UFRN		Rel. econômico-sociais e produção de espaços
UFBA		Escravidão e invenção da liberdade
UNEB		Estudos sobre trajetórias de popul. afro-bras.
UFGD		Movimentos sociais e instituições
UFPA		Trabalho, cultura e etnicidade
FUFPI		História, cidade, memória e trabalho
UFAM		Migrações, trabalho e mov. soc. na Amazônia
UPF		Espaço, economia e sociedade
UFSM		Trabalho e migrações
UEFS		Cultura, sociedade e política

PROGRAMAS SEM ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO E / OU LINHAS DE PESQUISA RELACIONADAS À HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: UFPel, UFPR, PUCRS, PUCRJ, PUCPR, PUCGoiás UNISINOS, UFPE, UFPB, UFMG, UFOP, UFMT, UFG, UDES, UNESP Assis, UNESP Franca, UFFS; UECE; UFRJ (Hist. Comparada), FGV, UDESC, UNIVERSO, UFMA, FUNREI; UFSP, UNICENTRO. **TOTAL: 27 PROGRAMAS.**

Acho que seria desnecessário elaborar algo como “conclusões”, pois elas estão implícitas na própria exposição. Os dados apresentados, mesmo parciais e aproximativos, apontam no sentido que a história social do trabalho não só ampliou consideravelmente seu espaço no ambiente acadêmico brasileiro, como seu conteúdo vem ganhando uma crescente qualidade teórica e empírica e hoje já abarca de modo mais completo e integrado as diferentes experiências dos trabalhadores ao longo da história do Brasil. Espero haver demonstrado a vitalidade e a inovação que a história social do trabalho experimenta e contribuído para desfazer a idéia -desprovida de uma análise que a sustente-de que se trata de um campo que perdeu interesse para os historiadores.

ⁱ ARQUIVO EDGAR LEUENROTH. Campinas, IFCH da UNICAMP. Bibliografia para pesquisa sobre anarquismo e anarquistas. *Cadernos AEL*. Anarquismo e anarquistas. 8/9: 193-265. 1998. -ARQUIVO EDGAR LEUENROTH. Campinas, IFCH da UNICAMP. *Cadernos AEL*. Comunistas e comunismo (2).1995. -BARBOSA, Renata Correa Tavares. *Desvios do olhar: A escravidão na historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: 2001. Dissertação de Mestrado da PUC-RJ. 139 p. -BATALHA, Cláudio Henrique. *Historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências*. IN: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. -BRANT, Vinicius Caldeira. *Bibliographie commentée: Ouvriers et syndicats du Brésil*. *Sociologie du Travail*. Paris, 9 (3):352-361. 1967. -CHALHOUB, Sidney e SILVA, Fernando Teixeira da. *Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980*. *Cadernos do AEL*. Campinas, Unicamp, v.14, n.26, 1º semestre de 2009. -CHALHOUB, Sidney e FONTES, Paulo. *História social do trabalho, história pública*. *Perseu*. São Paulo, 4 (3): 219-228. dezembro 2009. -DUTRA, Eliana de e GROSSI, Yonne de Souza. *Historiografia e movimento operário: o novo em questão*. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Belo Horizonte, UFMG (65) 1987. -FRENCH, John e FORTES, Alexandre. *Urban Labor History in Twentieth Century Brazil*. The Latin American Institute/ The University of New México, 1998. -KHOURY, Yara Aun. *Perfil de arquivos e centros de documentação de e sobre trabalhadores e movimentos sociais no Brasil*. IN; NAJERA, Aurélio e FERNANDEZ, Agustín. *Reunión Iberoamericana para la recuperación y conservación de archivos y documentación de los trabajadores y los movimientos sociales*. Buenos Aires, 1992. Madrid: Editorial Pablo Iglesias, 1992. -LARA, Silvia H. *Escravidão No Brasil: Um balanço historiográfico*. *LPH-Revista Brasileira de História*, v. 3, n. 1, p. 215-244, 1992. -LARA, Silvia H. *Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil*. *Projeto História*. São Paulo (16): 25-38, fev. 1998. -LINDEN, Marcel van den. *História do trabalho: o velho, o novo e o global*. *Revista Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro, 1(1) janeiro-junho de 2009.

-LINHARES, Maria Yedda e SILVA, Francisco Carlos T. da. *História da agricultura brasileira: combates e controvérsias*. São Paulo: Brasiliense, 1981. -LONER, Beatriz A. *A história operária no Rio Grande do Sul*. *História*. São Leopoldo, UNISINOS. Número Especial. Anais do V Encontro Estadual de História, 2001. -LUPION, Marcia Regina Oliveira. *A gênese da história do trabalho e dos trabalhadores no Brasil e os paradigmas da “transição” e da “substituição”*. www.revistatemalivre.com (ano 2006). -MARTINS, Ismênia de Lima. *Anotações sobre a história do trabalho no Brasil*. *Revista Brasileira de História*. ANPUH. S. Paulo, v.15. n° 30, 1995. p. 91-100. -MATTOS, Marcelo Badaró. *Perspectivas e dilemas da produção historiográfica recente sobre trabalhadores, sindicatos e estado no Brasil*. *Tempos Históricos*. M. C. Rondon, v. 5-6, p. 11-34. 2004-2005. -MENDES, René, *Produção científica brasileira sobre saúde e trabalho publicada na forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado, 1950-2002*. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, Belo Horizonte 1(2): 87-118. Out.-dez. 2003. -NEGRO, Antonio Luigi e GOMES, Flavio. *Além de senzalas e fábricas. Uma história social do trabalho*. *Tempo Social*. São Paulo, USP. 18(1). Junho 2006. -PAOLI, M. Célia, SADER, Eder e TELLES Vera Silva. *Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico (notas de pesquisa)*. *Revista Brasileira de*

História, ANPUH., V. 3, n° 6, setembro de 1983. -PAOLI, M. Célia. *Sobre as classes populares no pensamento sociológico*. IN: CARDOSO, Ruth (org.), *A aventura antropológica*. S. Paulo, Paz e Terra, 1986. p. 39-67. -PAOLI, M. Célia. *Os trabalhadores urbanos na fala dos outros*. IN: LOPES, J. Sérgio. *Cultura e identidade operária*. S. Paulo, Marco Zero, 1987. v. 1, p. 53-102. -PEDROZA, Manoela. *O debate na historiografia marxista brasileira sobre os trabalhadores rurais no século XX*. *Tempos Históricos*. Mal. Candido Rondon, UNIOESTE, V. 7, n° 1. 2005. -PESSANHA, Elina G. da Fonte e GOMES, Sandra Lucia Rebel. *Guia de centros de documentação, formação e assessoria ao movimento operário e sindical. Situação em abril de 1992*. IN: NAJERA, Aurélio e FERNANDEZ, Agustín. *Reunión Iberoamericana para la recuperación y conservación de archivos y documentación de los trabajadores y los movimientos sociales*. Buenos Aires, 1992. Madrid: Editorial Pablo Iglesias, 1992. -PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *O movimento operário brasileiro: bibliografia (Livros, artigos, revistas, folhetos)*. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, (8):175-217 (1979-1980). -PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *O movimento operário brasileiro: bibliografia (II) (Livros, artigos, revistas, folhetos)*. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, (8):175-199. 1981. -PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Comentários sobre a conferência*

-
- “História operária no Rio Grande do Sul”, proferida pela Profa. Beatriz Ana Loner. *História*. São Leopoldo, UNISINOS. Número Especial. Anais do V Encontro Estadual de História, 2001.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Levantamento da produção bibliográfica e de outros resultados de investigação sobre a história operária e o trabalho urbano fora do eixo Rio-S.Paulo. *Cadernos do AEL*. Campinas, Unicamp, v.14, n.26, 1º semestre de 2009.
- QUEIROZ, Sueli Robles de. Escravidão negra em debate. IN: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- RODRIGUES, José Albertino. Bibliografia anotada. IN: *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*. São Paulo, Símbolo, 1979. p. 199-223.
- RODRIGUES, Leôncio Martins e MUNHOZ, Fabio. Bibliografia sobre trabalhadores e sindicatos no Brasil. São Paulo, Estudos CEBRAP (7), 1974.
- SANTANA, Marco Aurélio. Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, 14 (41) out.1999.
- SCHMIDT, Benito Bisso. As biografias na historiografia do movimento operário brasileiro. *Anos*
90. Porto Alegre, UFRGS, (8) dez. 1997.
- SCHWARTZ, Stuart. A historiografia recente da escravidão brasileira. IN: *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru: EDUSC, 2001.
- SILVA, Fernando Teixeira da. O historiador e os processos trabalhistas no Brasil. IN: Tribunal Regional do Trabalho de 15ª Região (Org.). *II Encontro Nacional da Memória da Justiça do Trabalho*. S. Paulo, L TR, 2008. [balanço da produção historiográfica sobre o tema]
- XAVIER, Regina Célia Lima. História da escravidão e liberdade no Brasil Meridional. Guia Bibliográfico. P. Alegre, Editora da UFRGS, 2007.